

# Politicamente incorretos

Wilson Figueiredo

Tudo que vai bem termina bem? No Brasil, prefere-se a variante que desvia a lógica do seu curso natural e cria a dúvida por dever de ofício: tudo vai bem quando termina bem. A verificação se faz do fim para o começo, como garantia.

Começar bem uma administração é fácil, mas não significa muito. Nem sempre o fim é óbvio. O cinema adotou como norma o cuidado de avisar o espectador quando o filme chega ao fim, ao contrário dos concertos de música erudita que costumam — para constrangimento do maestro e dos músicos — ser interrompidos por aplausos antes do fim da execução. Governos não precisam enfatizar o fim, como as três letras que o cinema utiliza, nem correm o risco de aplausos fora de hora. Os cidadãos sabem que governo se aproxima do fim quando começam as nomeações.

Só se saberá se o governo Fernando Henrique está indo bem se merecer o certificado internacional de qualidade ISO 9002. Considerando que a realidade enganou Fernando Henrique e os seus eleitores com um Brasil mais difícil, refratário a reformas, pode-se dizer que o governo não vai indo mal. Ou seria mais adequado admitir o contrário? A julgar pela aparência, o presidente vai bem, obrigado, mas o governo não. Terão, porém, de se ajustar um ao outro, porque é di-

fícil imaginá-los em desacordo até o fim. Serão inseparáveis no julgamento final.

As pesquisas de opinião pública continuam botando Fernando Henrique no galarim da fama. Ninguém se manteve imprudentemente tão alto por tanto tempo. Dão-se bem, ele e as pesquisas, desde o tempo do Ministério da Fazenda. Não é por ser poliglota, mas o presidente fala fluentemente o dialeto das pesquisas e sabe lisonjeá-las. Trocam segredinhos. Escuta com unção tudo que elas recolhem a seu respeito naquelas faixas so-

pesada e o frango nosso de cada dia na mesa do pobretão. Cuidem os outros de costurar a melhor explicação, que não é atribuição presidencial.

As pesquisas fornecem a versão favorável que o pequeno burguês não deixa sem reparos. É que nele se revezam duas personalidades alternativas de plantão, ambas politicamente incorretas. Uma pessoal e outra coletiva — com a preocupação de não andar juntas para não brigarem em público. A que fala na primeira pessoa do singular diz uma coisa aos pesquisadores e a

---

## A REALIDADE ENGANOU FERNANDO HENRIQUE E OS SEUS ELEITORES COM UM BRASIL MAIS DIFÍCIL, REFRAATÓRIO A REFORMAS

---

ciais — que a classe média não frequenta — identificadas pelas primeiras letras do alfabeto. Reservou-lhes no governo o lugar importante que cabia aos coros nas tragédias gregas.

Pode não acabar bem o governo Fernando Henrique mas continua popularíssimo, para desgosto particular dos que não colheram no mandato os sinais ostensivos de grande popularidade e curtem a contingência de esperar pela História que não falha mas tarda. Dois terços da opinião pública, juro alto, dívida

que se exprime na primeira do plural sintoniza o meio social que frequenta. Que fazer? A contradição é esquizofrênica mas curável com o tempo. Embora no singular o pequeno burguês admita que o presidente não vai mal, no plural concorda que não pode ir bem. É um bem pensante de esquerda.

Fernando Henrique continua carente da consideração dos politicamente corretos e economicamente incorretos, que lhe cobram explicações por ser da confissão social-democrata e se dar com

neoliberais. A rigor quem precisa explicar-se são os que falam mal do presidente em público e dizem às pesquisas que ele vai indo melhor do que esperavam.

Queixa-se a classe média, que se considera porta-voz da História por designação da social-democracia, de que o presidente fala mais do que faz. Falar mal de governantes é luxo da classe média, que podia ter votado no candidato do PT mas não quis entregar o País econômica e constitucionalmente pronto para recebê-lo. Lula não precisaria reformar nada. Tinha tudo ao seu dispor. A versão definitiva do voto desviado para Fernando Henrique tornará um dia tudo mais fácil, até mesmo governar o Brasil. A social-democracia não caiu do céu. Entrou no País legalmente. Veio com a abertura das importações para concorrer com os similares políticos nacionais, e teve grande aceitação.

O Brasil mais fácil, pelo visto, ainda está longe. O brasileiro acumula duas personalidades distintas, uma de contribuinte e outra de eleitor, mas só usa uma de cada vez. O contribuinte está aprendendo a falar politicamente e o eleitor não passa de bola fria da democracia. Entre uma eleição e outra, não tem o que fazer.

---

Wilson Figueiredo  
é escritor e  
jornalista

---